

JUDITH BUTLER

É uma filósofa estadunidense, uma das grandes teóricas contemporâneas do feminismo, teoria queer, filosofia política e ética.

1990: Lançamento do livro *Gender Trouble*

No Brasil, traduzido em 2003: *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*

Descrição do caráter performativo do gênero - gênero nos é atribuído quando nascemos e, junto com ele, uma série de normas sociais e conjuntos de expectativas nos são impostos para corresponder à esse gênero.

No entanto, segundo entrevista de Butler dada no Brasil em sua última visita, algumas pessoas sofrem dificuldades com suas atribuições e a percepção que têm de si próprias difere da atribuição social que lhes foi dada. Buscava, dessa forma, identificar a complexidade de nossos desejos e identificações de gênero.

Não negou a diferença natural entre os sexos, mas chamou atenção para os paradigmas científicos divergentes que determinam as diferenças entre os sexos e que alguns corpos possuem atributos que dificultam sua classificação.

Ideias de masculino/feminino são dimensões culturais variáveis, sem significado fixo.

OBJETIVO DA TEORIA: gerar mais liberdade e aceitação à multiplicidade de expressões de gênero e sexualidades. Em decorrência da frequência com que pessoas que não se enquadram nas normas de gênero sofrem violências.

A TEORIA DA PERFORMATIVIDADE DE GÊNERO busca entender a formação de gênero e subsidiar a ideia de que a expressão de gênero é um direito e uma liberdade fundamentais.

Final de 2017 esteve em São Paulo para uma palestra no SESC Pompéia sobre “Os fins da democracia” - resistência e manifestações pró e contra sua vinda.

<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2017/11/1936103-judith-butler-escreve-sobre-o-fantasma-do-genero-e-o-ataque-sofrido-no-brasil.shtml>

Não existe nada fora ou anterior à linguagem, discurso como prática.

No livro, Butler vai desconstruir e desnaturalizar as categorias de sexo, gênero, desejo, identidade, sexualidade, inserindo-as dentro dos regimes de poder e práticas discursivas que as produzem, dotando-as de inteligibilidade dentro de uma

sociedade, uma cultura em determinado contexto histórico e social e, posteriormente, as naturaliza e as postula como premissas a priori, como fatores pré-discursivos, fundamentos da própria cultura que buscam criar e legitimar, em um ciclo.

O que a autora vai fazer no livro é se voltar para os regimes de poder e práticas discursivas que produzem, naturalizam, normatizam e hierarquizam essas categorias.

FILOSOFIA, LINGUÍSTICA, PSICANÁLISE

Cap 1: *Sujeito de sexo/gênero/desejo*

“As ‘mulheres’ como sujeito do feminismo”

> Desestabilização da categoria “mulheres”: genealogia da produção feminista da categoria mulher

“Mulheres” como forma discursiva, resultado de relações de poder da própria política de representação. Discurso como prática.

Partindo da relação entre política e representação, Butler chama atenção para o processo de produção do sujeito, no caso, da categoria mulheres, anterior à sua representação no interior dos discursos produzidos pela teoria feminista - a representação funciona apenas para aquilo que reconhece como sujeito, em um processo de legitimação e exclusão.

Foucault: sistemas jurídicos produzem os sujeitos que, mais tarde, afirmam representar.

RESSALTA QUE as mesmas categorias de poder às quais recorremos para a emancipação feminista são responsáveis por criar e limitar a categoria “mulheres”, sujeito do feminismo. A lei produz e posteriormente esconde a noção de um suposto “sujeito anterior à lei”, em um ciclo de reificação e legitimação de formas e relações sociais existentes.

Nesse processo de exclusão e legitimação, a categoria “mulheres” teria se tornado um termo problemático, uma vez que o próprio gênero, enquanto base para constituição dessa categoria, não se constitui de forma coerente e estável a depender dos contextos históricos e sociais. DESESTABILIZAÇÃO DA NOÇÃO DE GÊNERO

Crítica à crença em uma base universal para o feminismo, fundado em uma identidade que existiria em todas as culturas, que, supostamente, sofreria uma forma de opressão específica. CRÍTICA A IDEIA DE UM PATRIARCADO UNIVERSAL

A ideia de uma forma de opressão universal, de um patriarcado universal, criaria uma “escala de civilização/evolução” pautada em ideais ocidentais.

ARGUMENTO CENTRAL: as limitações do discurso de representação em que se insere o sujeito do feminismo minam sua suposta universalidade e unidade, dessa forma, a

reiteração de um sujeito estável do feminismo na luta por emancipação tem consequências coercitivas e reguladoras, que apontam para os limites próprios das políticas de identidade.

Necessidade de questionar o jogo de poder que conforma a própria categoria que o feminismo pretende representar. Não se trata de rechaçar a política de representação, mas de elaborar a crítica às categorias de identidade que criam, naturalizam e invisibilizam as estruturas jurídicas da linguagem e da política em cada momento histórico.

Possibilidade de construir um sujeito do feminismo desde uma perspectiva feminista, para construir uma política representativa que possa renovar o feminismo sobre outras bases. Por outro lado, seria também o momento de formular uma crítica radical que libere a teoria feminista da obrigação de construir uma base única ou constante.

AUDRE LORDE: “as ferramentas do mestre nunca irão desmantelar a casa grande”.

QUESTÃO: A construção de uma categoria “mulheres” como sujeito coerente e estável não seria uma reificação involuntária das relações entre os gêneros?

Uma vez que a noção estável de gênero não dá mais conta de servir como premissa básica da política feminista, um NOVO TIPO DE POLÍTICA FEMINISTA se faz necessário para contestar as próprias reificações de gênero e identidade, assentada sobre a construção variável de identidade como um pré-requisito metodológico e normativo, assim como objetivo político.

“A ordem compulsória de sexo/gênero/desejo”

SITUANDO O DEBATE FEMINISTA: Embora a unidade indiscutida da noção de “mulheres” seja freqüentemente invocada para construir uma solidariedade da identidade, uma divisão se introduz no sujeito feminista por meio da distinção entre sexo e gênero.

A desassociação entre sexo e gênero feita pelas feministas surge para questionar a tese de biologia como destino, afirmando que, por mais que o sexo pareça inescapável em termos biológicos, o gênero é culturalmente construído - não é nem resultado causal do sexo, nem fixo quanto o sexo.

GÊNERO como significados culturais assumidos pelo corpo sexuado. Levada a seu limite lógico, a distinção sexo/gênero sugere uma descontinuidade radical entre corpos sexuais e gêneros culturalmente construídos.

A partir daí, Butler passa a questionar a própria construção de sexo e gênero, dando um passo atrás frente a tese que apresenta ambos como desassociados, mas um atrelado à biologia e outro à cultura.

Sugere, então, que o próprio “sexo” seja culturalmente construído, não fazendo sentido definir o gênero como interpretação cultural do sexo. Faz uma crítica à concepção de sexo como categoria a priori, pré-discursiva, apontando, dessa forma, sua utilização para reafirmar e assegurar a estabilidade e binariedade dos sexos.

QUESTIONA: Como deve a noção de gênero ser reformulada, para abranger as relações de poder que produzem o efeito de um sexo pré-discursivo e ocultam, desse modo, a própria operação da produção discursiva?

“Gênero: as ruínas circulares do debate contemporâneo”

Butler faz uma crítica ao pressuposto básico dos debates feministas da época, que partiam do par sexo/gênero e passa a questionar como se dá o processo de construção dessas premissas?

Para tanto, ela vai afirmar que AS PRÓPRIAS ESTRUTURAS BINÁRIAS QUE CONSTROEM E FUNDAMENTAM A LINGUAGEM DA RACIONALIDADE UNIVERSAL IMPÕE À CULTURA LIMITES QUE SÃO, ELES TAMBÉM, IMPOSTOS AS POSSIBILIDADES DE CONSTRUÇÃO DO GÊNERO.

> Os limites culturais circunscrevem as experiências de gênero. Os debates sobre *construção* estão sempre mediados e limitados por termos dados na cultura como pré-definidos, como a própria ideia de corpo. Dialogando com Beauvoir, Butler afirma que também os corpos são construídos culturalmente, estando desde o início marcados pelas interpretações de gênero, dessa forma, os corpos não possuem uma experiência significável anterior à marca de seu gênero.

“Os limites da análise discursiva do gênero pressupõem e definem por antecipação as possibilidades das configurações imagináveis e realizáveis do gênero na cultura. Isso não quer dizer que toda e qualquer possibilidade de gênero seja facultada, mas que as fronteiras analíticas sugerem os limites de uma experiência discursivamente condicionada. Tais limites se estabelecem sempre nos termos de um discurso cultural hegemônico, baseado em estruturas binárias que se apresentam como a linguagem da racionalidade universal. Assim, a coerção é introduzida naquilo que a linguagem constitui como o domínio imaginável do gênero.”

Gênero entendido como um conjunto de relações. Em sua busca para compreender como se constrói o gênero dentro da teoria feminista, Butler dialoga com Beauvoir e Luce Irigaray, enquanto para Beauvoir o feminino seria construído como o Outro em relação ao masculino, esse sim o universal, para Irigaray, em uma cultura machista e falocêntrica, as mulheres constituíram o paradoxo, o feminino seria o irrepresentável.

No entanto, faz a crítica que Beauvoir manteria uma dualidade entre corpo/mente, mesmo quando propunha uma síntese entre eles, mantendo uma dualidade entre corpo e liberdade. O que é a metafísica da substância, e como ela informa o pensamento sobre as categorias de sexo? Em primeiro lugar, as concepções humanistas do sujeito tendem a presumir uma pessoa substantiva, portadora de vários atributos essenciais e não essenciais..... apresenta as diferenças entre os pensamentos das autores que não entendi!!!!!!!!!!

(CARLA RODRIGUES): Assim como Derrida desmontou a estrutura binária significante/significado e a unidade do signo, e fez com isso uma crítica à metafísica e às filosofias do sujeito, Butler desmontou dualidade a sexo/gênero e fez uma crítica ao feminismo como categoria que só poderia funcionar dentro do humanismo. Para refletir sobre os efeitos dessa desconstrução, é fundamental entender desconstrução não como desmonte ou destruição.

O principal embate de Butler foi com a premissa na qual se origina a distinção sexo/gênero: sexo é natural e gênero é construído. O que Butler afirmou foi que, "nesse caso, não a biologia, mas a cultura se torna o destino" (p. 26). Para a contestação dessas características ditas naturalmente femininas, o par sexo/gênero serviu às teorias feministas até meados da década de 1980, quando começou a ser questionado.

Foi pelo caminho da crítica às dicotomias que a divisão sexo/gênero produz que Butler chegou até a crítica do sujeito e contribuiu para o desmonte da idéia de um *sujeito uno*. Note-se que Butler não recusa completamente a noção de sujeito, mas propõe a idéia de um gênero como *efeito* no lugar de um sujeito centrado.

"Teorizando o binário, o unitário e além"

A crítica feminista tem que explorar as afirmações totalizantes da economia significante masculinista, mas também deve permanecer autocrítica em relação aos gestos totalizantes do feminismo.

Faz uma crítica a construção a identificação do inimigo - da forma de opressão - de modo singular, chamando atenção para outras formas de opressão, como de raça, classe, etc;

que não podem ser hierarquizadas ou colocadas como uma forma “primária” de opressão (interseccionalidade). Conclui: “a insistência sobre a coerência e unidade da categoria das mulheres rejeitou efetivamente a multiplicidade das interseções culturais, sociais e políticas em que é construído o espectro concreto das ‘mulheres’”.

Butler também faz uma crítica a forma de fazer política que pressupõe **unidade**, ressaltando as possibilidades e potencialidades das contradições, divergências, etc. Mesmo a noção de ‘diálogo’ deve ser problematizada, questionando as relações de poder que condicionam e limitam suas possibilidades.

“Sem a expectativa compulsória de que as ações feministas devam instituir-se a partir de um acordo estável e unitário sobre a identidade, essas ações bem poderão desencadear-se mais rapidamente e parecer mais adequadas ao grande número de “mulheres” para as quais o significado da categoria está em permanente debate.”

> Argumenta pela incompletude da categoria mulheres, que a permitiria servir como espaço disponível para os diferentes significados, servindo, então, como um ideal normativo livre de qualquer coerção. O gênero poderia, assim, ser entendido como uma coalizão aberta, afirmando identidades alternativamente instituídas e abandonadas, segundo os objetivos a serem alcançados em cada situação.

“Identidade, sexo e a metafísica da substância”

Questiona a própria noção de identidade, chamando atenção para sua função de dar inteligibilidade social para as pessoas a partir de noções estabilizadas de sexo, gênero e sexualidade. “gêneros inteligíveis” seriam aqueles que mantêm coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo. IDENTIDADE TAMBÉM COMO EFEITO DE PRÁTICAS DISCURSIVAS.

Dialogando com Foucault, afirma que se existe uma ideia de “verdade” sobre o sexo ela é produzida por práticas reguladoras que instituem essas identidades coerentes baseadas em normas de gênero coerentes, que pressupõe, também, a heterossexualização do desejo.

IDENTIDADE DE GÊNERO: relação entre sexo-gênero-prática sexual-desejo

No entanto, a binariedade que fundamenta essas identidades e continuidades não significa uma complementaridade entre o ‘masculino’ e o ‘feminino’, mas estaria inserida em um regime falocêntrico, machista.

Sistema de heterossexualidade compulsória (Wittig).

A coerência e unidade dos gêneros exigiria uma heterossexualidade estável e oposicional.

Discussão da filosofia (Nietzsche) entre “ser” e “substância”, fundamento do regime de poder hegemônico que produz a binariedade das categorias que informam toda a discussão aqui apresentada, que estão na base na própria concepção de ‘pessoa’.

Com base em uma frase do autor, Butler afirma: “não há identidade de gênero por trás das expressões do gênero; essa identidade é performativamente constituída, pelas próprias “expressões” tidas como seus resultados.”

“Linguagem, poder e estratégias de deslocamento”

Volta-se para a discussão das funções da linguagem nos trabalhos das autoras com quem dialoga, ampliando o debate, mais uma vez, para a psicanálise.

Também a sexualidade é construída no âmbito do discurso e do poder, construída culturalmente no âmbito no interior das relações de poder existentes. Dessa forma, não existiria um sexo, gênero ou sexualidade fora ou anterior às matrizes de poder e práticas discursivas que criam e geram a inteligibilidade dessas identidades, o que colocaria a questão: que tipo de repetição (desses constructos) subversiva poderia questionar a própria prática reguladora da identidade?

GÊNERO COMO PRÁTICA DISCURSIVA CONTÍNUA, DEVIR SEM INÍCIO OU FIM: “O gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser.”

“A univocidade do sexo, a coerência interna do gênero e a estrutura binária para o sexo e o gênero são sempre consideradas como ficções reguladoras que consolidam e naturalizam regimes de poder convergentes de opressão masculina e heterossexista.”

Butler: “A desconstrução da identidade não é a desconstrução da política; ao invés disso, ela estabelece como políticos os próprios termos pelos quais a identidade é articulada. Esse tipo de crítica põe em questão a estrutura *fundante* em que o feminismo, como política de identidade, vem se articulando. O paradoxo interno desse fundacionismo é que ele presume, fixa e restringe os próprios sujeitos que espera representar e libertar” (p. 213).